

UM ESTÁGIO EM TÓQUIO COM SOU FUJIMOTO

INTRODUÇÃO

Escrevo a minha experiência com o mesmo entusiasmo com que fiquei quando soube que a minha verdadeira aventura iria começar. Sempre fui uma pessoa tímida e reservada, mas com um espírito aventureiro. Sempre fui bastante persistente e curiosa e sabia que o meu futuro iria depender das decisões que tomasse.

Tinha 23 anos quando acabei a minha Dissertação de Mestrado, inspirada nos temas simbólicos da luz e da sombra na Arquitectura (tendo *Jun'ichiro Tanizaki* como principal fundamentador destes temas), bem como na ruína e na ideia romântica criada por *Simmel*. Soube desde cedo que a minha paixão era a Arquitectura e a cultura japonesa e soube que iria finalizar o meu percurso académico com uma investigação baseada nos seus ideais. Ora, a minha verdadeira aventura e o meu verdadeiro percurso pessoal e profissional começou no final de 2013...

COMO TUDO COMEÇOU

Sempre tive um certo fascínio e curiosidade pelo Japão e, desde cedo, que sempre soube que a minha experiência pessoal e profissional passaria por este país. No entanto, nunca pensei que essa oportunidade surgisse tao velozmente...

Foi no dia 10 de Setembro de 2013 que Sou Fujimoto deu uma conferência no Centro Cultural de Belém com o tema *Futuropective Architecture*. Soube, à partida, que seria uma oportunidade a não perder e que teria que chegar ao auditório bastante cedo, pois iria ficar sobrelotado rapidamente. Assim foi. Apanhei o autocarro em direcção ao CCB, extremamente entusiasmada com a ideia de estar na mesma sala com um dos arquitectos japoneses contemporâneos mais conceituados do mundo. Levei o meu *currículo vitae* e o meu portfolio comigo com a esperança de ter a oportunidade de falar pessoalmente com o arquitecto. Cheguei a Belém após uma viagem repleta de emoções, nervosismo e ansiedade. Dirigi-me ao CCB, tendo sido uma das primeiras pessoas a chegar. Enquanto esperava pelo início da conferência, e como ainda tinha algum tempo livre, dirigi-me ao pavilhão de exposição onde estavam expostos alguns dos trabalhos de Sou Fujimoto: uma sala repleta de maquetes, das mais variadas escalas, materiais, formas e feitios. Mal entrei no pavilhão senti uma quietude, uma aura tranquila, tipicamente japonesa, algo inexplicável. Comecei por fazer um percurso aleatório, sendo que a primeira maquete que observei foi algo bastante conceptual, onde a forma humana era o principal elo de ligação com o espaço arquitectónico e a própria arquitectura de dissipava no espaço natural: a *Serpentine Gallery Pavillion*. Esta maquete era composta por lajes conceptuais e envidraçados, de forma a conferir uma certa transparência ao espaço e a observar a forma como este ganhava dinamismo com a presença humana. Fiquei fascinada pela simplicidade da elaboração deste modelo. De seguida fui observando outros trabalhos, tendo sido um deles, a *Wooden House*: uma peça bastante escultórica, onde o aproveitamento do espaço e as sensações eram elementos primordiais. Perdi algum tempo a viajar por este labirinto de cubos de madeira e a imaginar a qualidade deste espaço. Continuei a viajar por este mundo de Fujimoto, analisando os outros modelos que

estavam expostos. Quando olhei para o relógio, já estava na hora de me dirigir ao auditório, pois a conferência estava prestes a iniciar. Sentei-me na primeira fila. A pouco e pouco, o auditório estava a começar a ficar lotado. Quando olhei para trás os lugares estavam todos preenchidos, tanto na plateia central como nos camarotes. Pessoas a ocuparem as escadas de acesso, junto às portas de entrada do auditório... Uma autêntica loucura. O que tornou a experiência ainda mais entusiasmante. Após a chegada da audiência, foi altura de o Arquitecto Nuno Mateus proferir o nome de Sou Fujimoto. Foi feita uma enorme ovação pelo público e o Arquitecto subiu as escadas em direcção ao palco. Com o meu nervosismo, bati palmas perplexamente, tendo achado curiosa a forma descontraída com que o Arquitecto entrou na sala (*afinal de contas, ele deve precisar de um tradutor que fale inglês ou português para o ajudar na apresentação*, pensei eu, como tinha feito Kazuyo Sejima na sua conferência em 2011 em Lisboa). Estava redondamente enganada. Sou Fujimoto falava correctamente inglês, chegando a proferir expressões engraçadas para o público na sua apresentação, deixando uma sensação de desconstracção no ar. A apresentação prosseguiu. Fujimoto mostrou a forma como vê a arquitectura, os seus conceitos de construção e natureza e a forma como esta invade a sua arquitectura propositadamente. Na sua apresentação foi possível observar obras enigmáticas como a *N House*, a *Wooden House* e até mesmo a *Public Toilet in Ichihara* (literalmente uma sanita no meio da floresta, inserida num cubo de vidro e delimitada por uma vedação, onde as noções de público e privado, aberto e fechado, natureza e arquitectura são ilimitadas). Fiquei de tal modo surpreendida com a sua apresentação e com a linguagem da sua arquitectura que não fui capaz de tirar apontamentos. Cerca de duas horas depois e finalizada a apresentação, seguiu-se uma outra aclamação geral: um bater de palmas ensurdecador e várias ovações de pé para Fujimoto-San. Naquele momento pensei: *É agora! Algumas oportunidades são únicas na nossa vida! Chegaste até aqui, não a desperdices! Levanta-te!* Levantei-me, extremamente nervosa, e dirigi-me a Fujimoto-San. A minha vontade estava em conseguir obstinadamente uma conversa informal, onde pudesse apresentar-me e mostrar-lhe o meu trabalho. Estava Fujimoto-San a acabar de arrumar a secretária da apresentação quando reparou na minha presença. Dirigiu-se a mim e eu, com bastante nervosismo, tentando, de certa forma, marcar a diferença, interpelei o arquitecto com um discurso eloquente, proferindo algumas palavras em japonês: - *Fujimoto-San, Hajimemashite. Watashi no namae wa Marta desu. Yoroshiku onegai itashimasu.* Fujimoto-San ficou radiante por ver um *gaijin* (estrangeiro) a falar japonês, sorriu-me e respondeu-me da mesma forma: - *Hajimemashite Marta-San. Yoroshiku onegaishimasu.* Sorri-lhe timidamente e fiz uma vénia. Perguntei-lhe se podia falar em inglês pois era mais fácil para mim. Ele acenou positivamente, proferindo *Hai!* (sim!). Disse-lhe que era uma honra para mim estar perante a sua presença e que admirava bastante a sua linguagem arquitectónica. Expliquei-lhe que estava a terminar a minha Dissertação de Mestrado e que o meu sonho seria fazer um estágio no seu atelier. Entreguei-lhe o meu *curriculum vitae* e o meu portfolio. Ele olhou perplexo e perguntou se aquilo era para ele. Disse-lhe que sim, se ele assim o quisesse. Recebeu os meus documentos nas suas mãos e disse-me que sim, que teria todo o gosto em receber-me no seu atelier, mas que tinha que esperar pelo seu regresso ao Japão, pois iria falar com a sua secretária para entrar em contacto comigo e tratarmos dos papéis necessários para o início do meu estágio. Fiquei radiante, perplexa! Não sabia o que dizer. As únicas palavras que me saíram da boca foram: *doumo... doumo... doumo arigatou gozaimasu!* Disse-lhe que os meus contactos estavam no meu portfolio, agradeceu-lhe

mil e uma vezes, fiz quinhentas reverências e afastei-me. Olhei para trás e vi uma multidão de pessoas que se foram aproximando e juntando atrás de mim para falarem com o Arquitecto. Estava tão centrada no momento e naquilo que me estava a acontecer que nem me apercebi da confusão que se estava a gerar. Fiquei extremamente entusiasmada e ansiosa. Simultaneamente houve um momento de certo pessimismo e pensei: *se todas estas pessoas lhe pedirem estágio, talvez isto não tenha passado de um sonho*. E saí do auditório... À medida que me afastava, ouvia inúmeras pessoas, gritos, risos, gargalhadas e pensei, talvez tenha valido o esforço e talvez alguém tenha a sorte de obter a oportunidade que eu solicitei. Dirigi-me à paragem e apanhei o mesmo autocarro de volta a casa pois, no dia seguinte, era dia de continuar com a minha investigação académica.

A OPORTUNIDADE

Nas duas semanas que se seguiram, fiquei bastante impaciente e desejosa por obter alguma resposta. Foi num dia normal de pesquisa académica e actualizações de correio electrónico que recebi um e-mail em japonês de uma senhora chamada Nikki. Abri o e-mail, sem saber bem o que esperar. À medida que lia o e-mail, lágrimas de felicidade escorriam-me pelos olhos. Fiquei perplexa e pensei: isto não me está a acontecer. Dirigi-me aos meus pais, li o e-mail que tinha recebido e disse *esta é a oportunidade da minha vida*. Sabia que, a partida, o estágio não seria remunerado, por isso todas as despesas teriam que ser arrecadadas por mim e com a ajuda dos meus pais. Sabia que era um enorme investimento que estaria a fazer, mas também sabia que era o preço a pagar pelo meu sonho. Os meus pais, como sempre, apoiaram-me a 100% e disseram para seguir em frente (apesar de ter notado bastante nervosismo e inquietação por parte deles). Posto isto, sabia que tinha que finalizar e apresentar a minha Dissertação no final desse ano impreterivelmente. Pensei, *tenho dois meses e meio para fazer isto. Eu consigo*. Em simultâneo com a finalização e a entrega da dissertação, comecei os preparativos para a minha aventura.

A PREPARACAO MENTAL E EMOCIONAL

Dia 17 de Dezembro de 2013: dia de nervosismo extremo, apresentação oficial com júri da Dissertação de Mestrado. Até à data, já tudo estava tratado relativamente à minha aventura no Japão. O entusiasmo era tanto, a ideia de estar a terminar uma fase extremamente importante da minha vida e prestes a iniciar uma outra, gerou um misto de emoções. Após a apresentação formal da minha investigação, finalizada com sucesso, era altura de me preparar mental e emocionalmente para a partida. Com tanto delírio e excitação, com a marcação dos voos, a reserva do alojamento, a análise das horas de viagem e dos intervalos das escalas e com a própria concentração em finalizar a investigação com sucesso, apenas após o final do dia 17 de Dezembro me apercebi da loucura e da radicalidade que estava prestes a fazer: iria viajar completamente sozinha, com 23 anos, sem nenhuma experiencia anterior semelhante, sem conhecer ninguém para o caso de surgir alguma emergência, num país completamente desconhecido, onde regras, educação e formalidade seriam o meu dia-a-dia. Mas a ideia de concretizar um sonho tao desejado fez-me seguir em frente e não olhar para trás. Despedi-me de todas

as pessoas que me são próximas e finalizei as malas de viagem. Dois dias depois, estava no aeroporto e iria viajar para Tóquio! Check-in feito, parti em busca da experiência e da aventura.

A CHEGADA A TÓQUIO

Janeiro de 2014: Chegada a Tóquio. Primeiro acontecimento: perderam-me a mala de viagem. Entrei em pânico. Não tinha roupa extra. O que levava comigo era uma mochila com 10kgs com electrónica, mapas e livros de sobrevivência e língua japonesa. Pensei: *mantém-te calma. Tudo se irá resolver*. Após uma hora a tentar resolver a situação e a reportar o caso, comprei um bilhete de autocarro para o centro da cidade. Primeira impressão: os japoneses não falam mesmo inglês! Tenho um enorme desafio pela frente. Na altura tinha aprendido japonês durante cerca de um ano e os conhecimentos que tinha eram mais que suficientes para situações de sobrevivência e emergência. Sempre pensei que o inglês fosse a segunda língua dos japoneses mas, ao que parece, o japonês é a primeira e a segunda língua da sociedade. Mais tarde percebi porquê. Cerca de uma hora depois, estava no centro de Tóquio, em Shinjuku, um dos principais centros da cidade com mais de 300 entradas/saídas de metro. Fiquei perplexa com a arquitectura, com o sistema de circulação, com a limpeza das ruas, com as luzes néon que me seguiam para todo o lado! Cheguei num sábado, em plena manifestação na rua, com centenas de pessoas, onde a circulação era praticamente impossível. Demorei meia hora a atravessar uma zona que, num dia normal, demoraria apenas cinco minutos. Após este atravessamento, seguiram-se umas outras aventuras, tendo chegado finalmente a casa no final do dia. Com enorme jet-lag, sabia que teria que descansar pois a minha aventura no atelier iniciar-se-ia dois dias depois.

A RECEPÇÃO E A INTEGRAÇÃO

Segunda-feira de manhã, levantei-me cedo e dirigi-me ao atelier de Sou Fujimoto. Fiz o percurso por ruas e ruelas (que tinha estudado no dia anterior através dos mapas que tinha levado) e cheguei ao atelier as 9h30. Tinha chegado meia hora mais cedo, subi as escadas até ao sétimo piso e deparei-me com a porta de entrada do atelier. Pensei: *estou aqui, é agora. É mesmo verdade, está prestes a acontecer*. Entrei no atelier. Estava um ambiente bastante dinamizado. Olhei para todo o lado e contei cerca de 40 pessoas. Ninguém reparou na minha presença devido à concentração com que todos estavam. Dei uma volta pelo atelier e vejo uma senhora japonesa a aproximar-se de mim. Apresentei-me em japonês, disse que iria começar um estágio naquele dia e percebi que a pessoa com quem estava a falar era Nikki-San, a secretária de Fujimoto-San, que me ajudou com a oficialização do estágio na OA. Foi-me apresentado o espaço, o método e os horários de trabalho. Perguntei a Nikki-San se Fujimoto-San estava presente, pois gostaria de lhe agradecer pela oportunidade. Mas, nessa altura, o Arquitecto encontrava-se em viagem pela Europa. De seguida fui apresentada e inserida numa equipa japonesa. Tive o primeiro embaraço ao apresentar-me formalmente: na língua japonesa, não existem consoantes soltas, sendo essa a razão pela qual eles não conseguiam pronunciar bem o meu nome. Devido às minhas aulas de japonês à partida já sabia que o meu nome se pronunciava Maruta. Por isso, quando Nikki me apresentou ao grupo e eu lhes disse que o meu nome era *Maruta*, todos se riram sem eu perceber bem porquê. Mais tarde percebi que *Maru* é um nome bastante corrente que se dá a animais de estimação, nomeadamente a

cães (significando redondo ou rechonchudo) e que *Maruta* significa tronco de árvore. Basicamente estava a dizer que o meu nome era o de um cão rechonchudo e, de certa forma, associado a um tronco de madeira. Uma situação bastante caricata e que marcou de imediato o meu dia. Enfim, a língua japonesa é demasiado complexa! Foi uma situação bastante engraçada e marcante no atelier. Por ser portuguesa e falar português, o primeiro projecto que me foi destinado, foi um projecto habitacional, um complexo privado em São Paulo, Brasil (divulgado actualmente nas redes sociais). Fiquei bastante satisfeita por me sentir útil logo no primeiro dia e estar perante levantamentos rigorosos do local de implantação, esboços do Arquitecto e memórias descritivas. Foi um projecto do qual fiz parte não só no estudo prévio, como também no estudo avançado de maquetes para apresentação ao cliente. Parecia uma criança numa loja de brinquedos: se, por um lado, me sentia nervosa por estar ali, por outro lado sentia-me radiante pela oportunidade de explorar tudo a meu redor, desde o armazém de material, até às ínfimas maquetes encaixotadas e os desenhos técnicos repletos de descrições em japonês. No primeiro dia percebi que existiam cinco equipas no atelier, sendo uma delas designada como a equipa internacional, onde estava grande parte dos estrangeiros (principalmente franceses). Curiosamente trabalhei sempre na mesma equipa japonesa até ao final do estágio, excepto na última semana onde tive a oportunidade de colaborar com esta equipa internacional. Após um intenso dia de trabalho de dezasseis horas, dirigi-me até casa repleta de jet-lag, onde descansei para o dia seguinte.

A COLABORAÇÃO

When I draw or make models, the goal is not to try to arrive at definitive architectural forms. On the contrary, I try to understand architecture through the movements or activities of people or the spirit of places that is likely to inspire their movements or activities (Sou Fujimoto, *The Architectural Review*). No segundo dia, já tinha trabalho à minha espera: iria participar num concurso para um Museu no Monte Fuji! O local de implantação era fenomenal, com uma vista privilegiada sobre a montanha. Nesse dia fiz dez maquetes à escala 1:500, com diversos estudos conceptuais sobre a forma do edifício. Durante cerca de uma semana, até à chegada de Fujimoto-San, fizemos inúmeras maquetes de estudo, visualizações 3D e diagramas. Cerca de uma semana depois, Fujimoto-San chega ao atelier. Reparo num stress e confusão imensa por parte dos designados supervisores (chefes e porta-vozes de cada grupo). Observo-os a dirigirem-se a Fujimoto-San com esboços, plantas e visualizações 3D. Juntaram-se todos na sala de reuniões e conseguia ouvi-los a debaterem ideias em japonês. Fiquei bastante curiosa em saber de que forma toda a equipa debatia as suas ideias, como faziam sugestões e como passavam da teoria à prática, da ideia conceptual ao objecto físico. Mais tarde tive a oportunidade de assistir e de fazer parte de uma reunião com Fujimoto-San, onde lhe apresentei uma maquete de estudo da estrutura da ilustre *Solo House* (Espanha). Ver Fujimoto-San a desenhar os seus esboços enigmáticos num *moleskine* preto com caneta vermelha impressionou-me. Como ele próprio escreve: *The act of sketching for me is like a dialogue with myself. What is born out of countless red lines on paper is like a reflection of what is in my mind, yet something which transcends my understanding, almost as if it is a sign, or rather an anticipation. At times they are words, and at other times they become shapes, or something before a shape.* (Sou Fujimoto, *Skecthbook*). Finalizada a tal reunião questionei a um dos meus colegas estagiários se era possível

falar com Fujimoto-San de forma a agradecer-lhe pela oportunidade. De algum modo, este tema era ainda tabu e considerado absurdo pois eles diziam que um estagiário nunca deveria dirigir-se a Fujimoto-San. Coloquei a mesma questão a um dos meus supervisores, que se riu e disse que isso não era verdade. Que Fujimoto-San era muito acessível e prestável (e tinha sido essa ideia com que tinha ficado quando falei com ele na conferência). Dirigi-me a ele, pedi-lhe desculpa pela intrusão e perguntei-lhe se se lembrava de mim, elucidando resumidamente a forma como tinha surgido a oportunidade. Fiquei muito satisfeita quando percebi que Fujimoto-San se lembrava de mim e agradeceu-lhe pela oportunidade.

Todos os dias aprendi algo novo, tanto em sistemas computacionais, como representações, dimensões e escalas. Tóquio é uma cidade com cerca de 15 milhões de habitantes e onde existe um elevado problema de construção e de área, daí ser necessário compreender as diferenças de escala e as prioridades. *You will find two archetypal scenes that define what is at the heart of my architecture – one is the natural order, which reflects the forest and nature of my hometown, and the other is the artificial world, which reflects the complexity and richness of the city of Tokyo. The two orders are contradictory but they are inexplicably fused in my mind* (Sou Fujimoto, The Architectural Review). Durante o meu período de estágio participei em diversos projectos de estudo prévio e execução, sendo eles: *Taiwan Lavender Museum, UNIQLO Flag Ship Store, Future Beauty Exhibition in Kyoto, Chiba Private House, Solo House, Taiwan Tower, Private House in Hollywood, Private House in São Paulo* e três concursos: *Mount Fuji Competition, Aquarium Competition in Jouetsu City* e *Hungarian Music in Budapest* (o qual mereceu recentemente o primeiro prémio). No final do estágio, Fujimoto-San ofereceu-me o seu mais recente livro *Futuropective Architecture*, com uma dedicatória. E eu, como forma de agradecimento, ofereci-lhe uma garrafa de vinho do Porto. Agradeceu-lhe novamente pela oportunidade e tirei uma fotografia com ele, ficando a promessa de voltar, um dia mais tarde.

E ASSIM...

Foram curtos os meses de trabalho, mas a riqueza da experiência e a sua intensidade foram imensuráveis e intemporais. O regresso a Portugal há muito que era ambicionado. Mas se, por um lado, o desejo de voltar a ver amigos e familiares pesava, por outro lado, o desejo de ficar pelo Japão, de vivenciar mais aquela experiência, o sentimento de conhecimento, enriquecimento e independência pesavam ainda mais. Por sua vez, o desejo de explorar o mundo da Arquitectura em Portugal, de ser independente no meu país e de marcar a diferença com os conhecimentos adquiridos lá fora, despertavam em mim uma outra energia. Como afirma Sou Fujimoto (*The Architectural Review*), *Every kind of architectural definition has an in-between space*, e era isso que eu pretendia explorar assim que regressasse a Portugal.

ARIGATOU GOZAIMASU

Fujimoto-San ajudou-me a abrir novos horizontes pela distância, pela experiência física e pelo verdadeiro contacto com a Arquitectura. Senti e presenciei, pela primeira vez, a estranheza de ver uma obra crescer, desde um simples esboço do arquitecto até ao projecto de execução e à obra construída. Foi uma experiência bastante

enriquecedora, o meu primeiro contacto físico e emocional, intenso, com o processo criativo do Arquitecto. Por um lado, a emoção de ir, a possibilidade de desistir e a vontade de partir geraram uma reviravolta de emoções. Mas, simultaneamente, o facto de poder ter controlo absoluto sobre o meu futuro, a minha experiência e a minha jornada, fizeram com que o meu estágio fosse bem sucedido pessoal e profissionalmente. Um estágio é uma experimentação, uma aprendizagem e o seu sucesso depende da força de vontade de o fazer.

As an architect, I must invent new ways of making architecture and new ways of making spaces as tangible ideas. (...) however wildly imaginative a project may be, it is important to believe that one day it will be built – such a conviction can become a powerful source of energy for great architecture. Even if it is never realised, we must not fall victim to pessimism but continue to believe that our imaginative endeavours will bear fruit in one form or another someday in the future. (Sou Fujimoto, Futuropective Architecture).

Sinto-me honrada pelo apoio que tive da OA e da UAL, em poder levar o meu conhecimento e um pouco da minha experiência arquitectónica para o Japão. Confesso que fui uma privilegiada por poder, de certa forma, representar a minha universidade e a cultura portuguesa. É com orgulho que reconheço a força de vontade, o optimismo e a persistência com que me deparei desde início e a força que me foi concedida por toda a equipa de Fujimoto-San. Agradeço aos meus pais pelo estímulo, ajuda, inspiração e apoio facultados e pela disponibilidade mental e emocional. Tenho que agradecer a Nikki-San por todo o seu apoio e disponibilidade, mesmo nos momentos mais difíceis. Obrigada pelas suas palavras sábias e pela sua compreensão. Obrigada a Iwata-San, Nakagawa-San, Suzuki-San, Hugh-San e Katsu-San por todos os seus ensinamentos. O meu percurso na equipa de Fujimoto-San começou com esta equipa e fez todo o sentido que terminasse os últimos dias com a mesma. Obrigada Marie, Jane, Vincent, Midori e Marcos por me fornecerem a melhor experiência da minha vida, por me darem a oportunidade de criar algo importante e por fazer parte de uma equipa extremamente profissional. Obrigada Honma-San pelos seus “telefonemas” ensurdecadores e obséquios durante o dia. Obrigada Aya-San, Yibei-San, Weiwei-San e Kiri-San por todo o vosso apoio. Obrigada a todos os amigos que fiz. Sem eles, a experiência não teria sido a mesma: Dani, Albert, Elena, Sophie, François, Jack, Maxime, Jenny, Sergio, Guillaume e Joel. E por último, mas não menos importante, o meu mais sincero agradecimento a Fujimoto-San pela introdução ao seu mundo arquitectónico, físico e imaginário, real e conceptual, incrivelmente fascinante e por me dar a oportunidade de fazer parte da sua equipa.

皆さん、皆さんと一緒に仕事ができてとても楽しかったです。近いうちに再びこのような機会があればいいなと思っています。どうもありがとうございました！

